



A IMPORTÂNCIA DA INCLUSÃO DE ALUNOS CADEIRANTES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO TÉCNICO INTEGRADO: relato de experiência

Jaqueline O. GOIS¹; Reginaldo A. SILVA²

RESUMO

O tratamento histórico das pessoas com deficiência foi marcado por exclusão e opressão. A busca pela autonomia e igualdade de acesso aos espaços é relevante, especialmente para aqueles com limitações físicas. A história do esporte adaptada remonta à década de 50 e evoluiu para a inclusão nas práticas escolares, incluindo a educação física. No entanto, uma barreira atitudinal persiste como um desafio, afetando a inclusão. O trabalho uma experiência ocorrida, com uma cadeirante durante uma aula de educação física, e ressalta a importância da acessibilidade nas atividades práticas e a necessidade contínua de formação docente. A inclusão escolar enfrenta muitos desafios, porém, com esforços consistentes é possível contribuir à redução de barreiras, arquitetônicas e atitudinais, e assim promover a igualdade e possibilitar acessibilidade democrática e benéfica, tanto a PcDs quanto a sociedade como um todo.

Palavras-chave: Acessibilidade; Educação Inclusiva; Atividade Física; Esportes.

1. INTRODUÇÃO

As pessoas com deficiência (PcD), ao longo da História, tiveram um tratamento diferenciado, tanto na perspectiva religiosa e médica, quanto na filantropia; sem dizer que muitas das vezes foram oprimidas e excluídas da sociedade, devido às suas diferenças e limitações físicas (FIGUEIRA, 2021). À sua autonomia, muitos ainda reivindicam seus direitos de ir e vir em quaisquer espaços que venham a transitar, principalmente se as limitações forem físicas e dependerem, ou não, de terceiros à sua locomoção. Ao tratarmos dessa temática tão abrangente, faz-se necessário que haja um filtro, pois, de modo geral, o assunto não se esgota quando o leque sobre a acessibilidade bem como o da educação inclusiva são abertos.

No final da década de 50, do século XX, as pessoas portadoras³ de deficiência física começaram a ter contato com o esporte, a partir da fundação do Clube dos Paraplégicos em São Paulo e do Clube do Otimismo no Rio de Janeiro. Desde então, a educação física passa a se preocupar com as atividades físicas desse público, *a priori*, no atendimento clínico. Nesse período, havia programas laborais, com o viés clínico, que utilizavam a ginástica para exercícios corretivos e de prevenção de doenças (COSTA; SOUZA, 2014).

É sabido que, após tantas exclusões [que ainda não acabou], opressões aos limitados fisicamente, aos inúteis – o peso morto da sociedade – a educação inclusiva e por conseguinte, a acessibilidade (também ainda a desejar) começou a fazer diferença a partir de 1981, Ano

¹ Professora e Cuidadora no Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas - NAPNE do IFSULDEMINAS – *Campus* Inconfidentes. E-mail: jaqueline.gois@ifsuldeminas.edu.br.

² Professor e Tradutor-Intérprete de Língua brasileira de sinais - Libras, IFSULDEMINAS – *Campus* Inconfidentes. E-mail: reginaldo.silva@ifsuldeminas.edu.br.

³ A palavra “portador” encontra-se na Constituição Federal, “mas deve ser evitada por se tratar de um eufemismo desnecessário” [...] ‘Deficiente’, por sua vez, toma a parte como um todo, passando a ideia de que a pessoa inteira é deficiente”. Assim, neste texto o uso será pessoa com deficiência (PcD) (SASSAKI, 2003, p. 26).

Internacional das Pessoas com Deficiência. Com a pressão desse ano, ganha força, no Brasil, um movimento em prol da eliminação de barreiras, “campanhas que exigiam não apenas a simples eliminação de barreiras (desenho adaptável), mas também a não-inserção de barreiras (desenho acessível)” (SASSAKI, 2003, p. 26). Ainda que as barreiras arquitetônicas sejam eliminadas, ainda existe (e obscurece a inclusão) aquela que é invisível, porém apercebida, sentida e, muito das vezes refletida: a barreira atitudinal. Pode soar esquisito ao falar de atitudes corporais – ainda que sejam explícitas sem objetivo específico – mas para quem as vê, “sempre haverá algo negativo e positivo [...] apenas gostaria de ser respeitada por todos como um ser humano” (SILVA, 2019, p. 125). Silva (2019, p. 69), ao refletir sobre o comportamento e as atitudes na instituição educacional, diz:

O comportamento e a atitude devem ser democráticos para que o respeito à diversidade seja efetivamente valorizado. A exclusão vem das expressões – face, corpo e atitudes –, ela ainda ronda o interior da escola, mesmo que esta, para a sociedade, tenha o conceito de “escola inclusiva” [...]. Uma das barreiras a ser rompida, se não a principal delas – o que está maquiado com aparência de bondade, mas que por detrás da cortina é autoritário, excludente e que perpetua na contemporaneidade – é a indiferença às singularidades e às alteridades do sujeito.

Neste trabalho, um relato de experiência, sintetiza-se a importância da pessoa cadeirante participar das atividades escolares. Quanto ao esporte, os estímulos são benéficos ao corpo físico. Não incluir o cadeirante nessas aulas, ainda que ações e atitudes implícitas do docente não tenham uma relação direta com o sujeito, isso pode configurar, no que conhecemos hoje, como capacitismo, a discriminação da pessoa com deficiência, da subestimação de sua capacidade e aptidões que poderiam ser observadas durante a prática. Valendo-se ainda de estatísticas, as dificuldades do PcD no Brasil, o andar ou subir degraus, aparece no senso com 3,4% como a mais frequente, a estatística também corrobora ao ambiente educacional e a outros deslocamentos no interior da instituição (GOMES, 2023).

Na locomoção no trânsito urbano, no acesso ao refeitório e em aulas práticas que preparam tanto o corpo, a mente e a socialização, a não participação do sujeito pode afetá-lo psicologicamente. Visto já ser inferiorizado pela sociedade e ainda não poder participar dessas atividades junto aos colegas, consequências negativas a longo prazo, podem surgir (COSTA, 2019; COSTA; SOUZA, 2014). Com base no histórico das PcD e enquanto condutora acessível, o presente trabalho, relata uma experiência ocorrida, com uma cadeirante durante uma aula de educação física, e refletir em como a acessibilidade, durante aulas práticas, pode fazer a diferença no reflexo institucional, na perspectiva da educação inclusiva (SOUZA, 2014).

2. MATERIAL E MÉTODOS

Para a produção deste trabalho, lançou-se mão do Relato de Experiência (RE) como explanação de vivência que contribui à produção de conhecimento e da técnica da observação como procedimento metodológico, visto que, à luz de Gil (2008), as observações constituem-se uma

maneira apropriada de se conhecer a realidade sem que o pesquisador interfira no seu campo de pesquisa. Por meio delas, foi possível refletir sobre as percepções no/do cotidiano educacional dos sujeitos, principalmente no trânsito e no contato com outros pares, bem como docentes. As observações ocorre(ra)m durante as aulas de educação física, na locomoção em via de trânsito urbano e no restaurante estudantil, campo de inúmeras possibilidades à coleta de informações.

Há diversas atividades em que os alunos, independente de suas limitações, podem participar. Se há um cadeirante, adaptações simples aproximam os pares e todos passam a fazer parte da inclusão⁴. Como exemplo, para PcD (sentado), ao jogo de vôlei a adaptação é baixar a rede, conforme especificações técnicas, e jogar em uma quadra menor. Outra atividade inclusiva é o jogo de bocha⁵, composto de 13 bolas nas cores vermelha, azul e branco, trena para medir a distância das bolas lançadas pelos jogadores; rampa: instrumento com um tripé de sustentação que orienta o lançamento da bola – na impossibilidade de usar os braços. À acessibilidade e inclusão, a adaptação ocorre com bolas de vinil coloridas ou garrafas pet, um cano pvc para inserir a bola branca e soltá-la em um espaço da quadra. Em seguida, os demais alunos, com bolas de cores diferentes, fazem a jogada para aproximá-las da branca, e por conseguinte ser ou não o vencedor.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisar o cotidiano educacional, seja ela qual for a prática disciplinar ali produzida, é possível perceber que os profissionais da educação conduzem suas atividades, muito das vezes, ainda excludentes. A presença de alunos PcD faz-nos levantar hipóteses quanto ao que poderia ser feito à acessibilidade deles, já que nem sempre, os planos e ações executadas não são diferenciados e inclusivos como se espera, conforme a configuração da legislação vigente. Mas, enquanto observadores e partícipes, às vezes implicitamente das atividades práticas, é possível intervir e contribuir pedagogicamente à qualidade educativa.

Espera-se que por meio de intervenções formativas sobre inclusão e a acessibilidade, tenham relevância e possam complementar as dinâmicas e ações pedagógicas durante as aulas. A formação continuada de profissionais deve ocorrer sempre, principalmente se a área de atuação for a educacional e ali conter uma gama diversa de sujeitos singulares. A interação democrática e inclusiva deve promover o máximo possível de subsídios informativos que visem eliminar a segregação e as barreiras excludentes, sejam elas arquitetônicas e/ou atitudinais. Essa última deve partir individualmente daqueles que assumiram o compromisso de estar sem distinguir o outro e de elevar a qualidade de vida dos alunos, propiciando-lhes autonomia e protagonismo.

4 A altura da rede padrão é de 2,43m para homens e 2.24m para o feminino. As alturas das redes internacionais para equipes de vôlei sentadas são de 1,15m para equipes masculinas, e 1,05m para equipes femininas (SENHOR ESPORTE, s.d; CBV, 2021).

5 Ver Frazão (2022), disponível em: <https://clubepaineiras.org.br/bocha/>. Acesso em: 12 jul. 2023.

4. CONCLUSÃO

A inclusão escolar ainda é formada por muitos desafios. Não teremos tão cedo uma sociedade que faça a diferença e venha a erradicar o preconceito e promover a inclusão plena. Porém, com esforços contínuos é possível conscientizar e amenizar o estresse diário da (in)acessibilidade, seja ela arquitetônicas e/ou atitudinal. Ainda que invisibilizada, os desafios ao longo da simples (como expressado por alguns) tarefa de locomoção guiada, nota-se um teor capacitista e às vezes um distanciamento ou incômodo, refletido na postura e comportamento de alguns. Durante os percursos, obstáculos são (des)cobertos e driblados ao longo da condução necessária. Beneficiar o outro é beneficiar agora o próprio futuro. A comunicação e mediações ativas que proporcionem o bem-estar do próximo faz parte da carreira docente responsável que deseja o bem do educando em sua prática educativa. O permitir, efetiva o cumprimento ético e visibiliza as potencialidades de quem, cotidianamente, é exposto às exclusões sociais.

REFERÊNCIAS

- CBV. **Regras Oficiais de Voleibol 2021-2024**. Aprovado pelo 37º Congresso Mundial da FIVB de 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3KDEyxX>. Acesso em: 15 jul. 2023.
- COSTA, S. C. **Aluno com deficiência física: cognições sobre suas habilidades sociais no contexto da educação física escolar**. 2019. 140f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3KDyqpw>. Acesso em: 02 ago. 2023.
- COSTA, A. M.; SOUZA, S. B. Educação física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. **Rev. Bras. de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 3, p. 27-42, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3OS45py>. Acesso em: 28 jul. 2023.
- FIGUEIRA, E. **As Pessoas Com Deficiência na História do Brasil: Uma trajetória de silêncio e gritos!** Wak Editora, 4ª edição, 2021. 216p.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.
- GOMES, I. Pessoas com deficiência têm menor acesso à educação, ao trabalho e à renda. **IBGE**, Agência de Notícias, 2023. Disponível em: <https://bit.ly/459HWsD>. Acesso em: 20 jul. 2023.
- MUSSI, R. F. F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i48.9010>. Acesso em: 11 jul. 2023.
- SASSAKI, R. K. Terminologia sobre deficiência na era da inclusão. *In*: VEET VIVARTA (org.). **Mídia e deficiência**. Brasília: Andi, Fundação Banco do Brasil, 2003. 184 p.; il. color. (Série Diversidade). Disponível em: <https://encurtador.com.br/dgPU3>. Acesso em: 25 jun. 2023.
- SENHOR ESPORTE. Qual a Altura da Rede de Vôlei? s.d. Disponível em: <https://encurtador.com.br/jntLW>. Acesso em: 12 jul. 2023.
- SILVA, R. A. **O ingresso e a formação acadêmica do sujeito surdo: singularidades, conquistas e desafios da educação inclusiva no espaço universitário**. 2019. 211f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2M6Sqph>. Acesso em: 09 jun. 2023.